

# Díálogos entre mim, foot e platão

Rosa Amélia P. Silva<sup>1</sup>

*"Nossa atitude diante da escrita, da leitura, do conhecimento, da interlocução envolve desde sempre o esforço do autoconhecimento."*

Paulo Guedes.

Sabe-se que ler é um exercício de cidadania. Justamente porque, para atuar no mundo, sobreviver nele, é imprescindível a prática da leitura seja de textos, imagens, gestos, situações, seja do mundo.

E para isso, deve-se considerar que o leitor assim se torna porque se revela capaz de acionar todo o seu capital cultural, todos os conhecimentos que tem para a compreensão de um texto. Se lhe falta um determinado conhecimento, a leitura pode ser deficiente? Não necessariamente, pode ocorrer que ele lance mão de outros conhecimentos e de outros recursos para ler. Isso constitui a leitura como uma prática muito subjetiva, cuja efetividade ocorre, segundo Charaudeau (2008), situada num contexto social demarcado pelo contrato existente entre os sujeitos leitores, pela situação discursiva, pela prática social em que eles estejam inseridos. O contrato e práticas sociais são recursos utilizados na e pela leitura, pois determinam a relação

---

<sup>1</sup> Grupo de pesquisa Leitura, Ensino e Recepção – LER. Mestranda em Literatura Brasileira – UnB. E-mail:

que o leitor vai estabelecer com os textos, assim como evocam as diversas vozes para significar, ou seja, atribuir significado, conforme Bakhtin (2002), o discurso é sempre histórico, intertextual e interdiscursivo.

E para constatar essas idéias iniciais, considerando as tirinhas de Newton Foot, apresento algumas leituras que são realizadas pelas minhas experiências e sabe-se que, pelas relações polifônica, dialógica, interdiscursiva, características dos textos que circulam na sociedade em que vivo, resultantes da leitura de muitos outros discursos. Parto do princípio que os textos de Newton Foot – as tirinhas – exploram um mundo dividido em dois planos e neles os seus leitores, efetivamente, travam um diálogo cultural constituído por diferentes vozes. Demarcarei essas vozes a seguir. Para isso, devo esclarecer os dois planos sob os quais interpreto os textos de Foot: o mundo interno das tirinhas, que constitui o roteiro narrativo vivido pelo personagem central, onde Platão se revela leitor, às vezes, crítico, às vezes, sonhador, e representa uma das vozes às quais já me referi; o mundo externo, do qual faço parte e decifro, pelos meus conhecimentos, as experiências vividas pelo personagem. Estas são também reflexo das experiências vividas pelo autor das tirinhas. Represento uma das vozes permeadas pelas outras que constituem o meu discurso, o que, segundo Bakhtin (2002), denomina-se heteroglossia.

A começar pelo nome dos personagens: Platão, Sófocles, Minerva, Aquiles, Mica etc., os quais fazem referência aos gregos, conhecidos como os pensadores-mestres da humanidade, o texto se revela uma crítica aos que deveriam ser, na atualidade, os herdeiros da arte de pensar: os professores. No passado, aos sábios era dada a condição de produzir o

conhecimento, eram eles os elaboradores da ciência, da filosofia e, nessa condição, especulavam sobre, refutavam, analisavam e concluíam acerca do conhecimento por diálogos e, dessa forma, constituíam-se nos grandes mestres, conquistavam seus discipulados. Hoje, caberia ao professor essa tarefa; mas, por tantos reveses sociais, políticos, econômicos, a prática do professor não se constitui pelo saber que ele produz; mas, sim, pelo saber produzido que ele transmite.

[...] professores acabaram sendo convencidos de que não devem ir além da simples exposição de idéias e de que devem deixar os alunos livres para criar suas próprias idéias, como se as idéias se criassem a partir de coisa nenhuma e não partir do convívio com outras idéias que estão os assediando e organizando o seu pensamento desde que começaram a conviver neste mundo. (GUEDES, 2006, p.22)

Há, por isso, uma desqualificação do aluno como discípulo. O que se pode confirmar pelo comportamento retratado por Foot por meios dos personagens Platão e Mica. O primeiro é o professor, mestrando, que, ao propor a leitura de sua dissertação aos colegas de seus sobrinhos, fica sozinho. Subentende-se que ele faz isso propositalmente, já que ele reconhece na juventude o desinteresse pelo conhecimento, pela reflexão, pela construção do saber. Atitude deprimente da parte de Platão, porque vinda de um professor que se supõe seja o maior valorizador do conhecimento, deveria se esperar o

contrário: o estímulo para e pelo conhecimento. No caso, ele usa a leitura como uma ferramenta para espantar os adolescentes de sua residência, isso o revela um leitor de atitudes.



Na tira seguinte, reconhece-se, no comportamento de Mica, a preocupação apenas com o resultado do exame que obterá em resposta ao acúmulo de informação que ela assimilou ao longo de sua formação. Observa-se uma crítica ao ensino que privilegia a decoreba, ao invés de provocar a reflexão, tanto que Mica e sua amiga, em função de um ensino pouco construtivo, não têm sucesso nas suas empreitadas como vestibulandas. Conforme se pode comprovar pela leitura das tiras seqüentes.





Newton Foot joga com o comportamento de seus personagens incautos para construir uma crítica ao sistema de ensino; ao comportamento de professores subordinados a um mundo altamente tecnológico, que pouco contribui para estabelecer um comportamento humano mais reflexivo; ao comportamento de jovens que se deixam envolver em demasia pelos caminhos fáceis e dúbios da era tecnológica e esquecem que o maior e melhor conhecimento não é o que advém da cópia realizada por esse recurso, mas sim aquele que é produzido, numa prática reflexiva, a partir da apropriação de conhecimentos já instituídos como saber edificado e registrado, ao longo da história, em livros ou similares.

Pode-se questionar se o recurso tecnológico representa, de fato, um suporte tão eficiente quanto o livro para o registro e disseminação do conhecimento. Constitui, sim, um suporte mais prático e necessário no contexto atual. O que não se deve admitir é o uso desse recurso como forma, não de apropriação do conhecimento para sua ampliação, mas como mera cópia.



A atitude dos personagens revela uma desvalorização do livro enquanto suporte para se adquirir conhecimento. O livro, que foi por muitos séculos a forma mais salutar e eficiente de registrar o conhecimento para sua eternização, serve, na atualidade, a qualquer fim, desde o mais prático até o mais inusitado, mas a sua função precípua tem sido depreciada, conforme a tira:



O mundo das imagens e dos sons invade a vida dos jovens e o conquista de tal forma que eles não se sentem estimulados a ter com o livro uma relação de intimidade. Não têm autonomia na construção de seu mundo imaginário. Perdem a capacidade de criar e, por consequência, de criticar, uma vez que os suportes tecnológicos lhes entregam tudo pronto: do texto, até a imagem e, quando ocorrem críticas, são superficiais. Segundo Vieira (2007), o excesso de imagens leva

ao excesso de informação, o que faz com que só sejam notadas (lidas) as evidências, os destaques.



Pode-se, no meu discurso, reconhecer uma nesga de rebeldia em relação à tecnologia, e sem querer negá-la, mas pretendendo explicá-la, parto da idéia de que o surgimento do novo sempre emana discordâncias e insurreições. Desde a era clássica, pode-se comprovar tal comportamento, por exemplo, em Platão – aqui me refiro ao filósofo grego e não ao personagem de Foot – que se insurgiu contra a atividade da escrita, dizendo que esta poderia comprometer a capacidade mental, por as pessoas deixarem de acumular o conhecimento na memória, o que acarretaria o esquecimento daquilo que seria registrado e o risco de não ocorrer seu resgate pela leitura. Ainda bem que Platão – o grego –, nesse ponto, enganou-se. Contudo, a defesa da oralidade, naquele contexto, era justa porque estava inserida numa prática social que valorizava o diálogo.

Assim como Platão, houve muitos insurgentes, na história da humanidade, contra práticas sociais, valores, saberes etc.; houve quem se rebelasse contra a literatura, a imprensa, as novas filosofias, o próprio ser humano. Não é meu desejo me tornar uma insurgente; como já disse anteriormente, desejo apenas explicar, à luz do comportamento humano, uma das

minhas leituras do texto de Foot. E entre elas está a condição de Newton Foot, por meio de seu personagem Platão – agora me refiro ao da tirinha –, ser simplesmente um insurrecto em relação às práticas de leitura do mundo tecnológico e informatizado. Leitura justificada pelo fato de Platão – personagem de Foot – demorar tanto tempo pra terminar a sua monografia de Mestrado, passagem que pode ser uma alusão ao comportamento de Platão – o grego; além do episódio de Platão se sentir desorientado diante dos recursos tecnológicos e atropelar-se com as palavras atribuindo a elas um sentido que já, nesse novo contexto, foi re-significado, conforme as tiras



Como se sabe, o valor de textos verbais ou imagéticos produzidos pelo contexto em que estão inseridos, a partir de ideologias específicas, pode ser re-significado, adquirir novos sentidos. E pensando nisso, além de considerar o contexto atual, o fato de que eu, como leitora de Foot, sobreponho a qualquer



texto lido o meu discurso e sem querer resumir as tirinhas às minhas proposições de leituras, leio a conduta de Platão e dos outros personagens das tirinhas como prática depreciativa do registro do conhecimento pelos veículos informatizados, devido ao excesso de informações – muitas vezes superficiais e sensacionalistas – transmitidas por essas mídias. Evidenciam-se esses fatos pela superficialidade do título de sua dissertação de mestrado que revela a vulgaridade do tema e ainda pela fala do sobrinho de Platão – personagem da tirinha –, na qual está implícito o valor atribuído ao conhecimento produzido pelo tio; as necessidades fisiológicas são comparadas à produção do saber, conforme as tiras seqüentes



Evidencia-se, na fala do orientador de Platão, a valorização do conhecimento empírico, adquirido pela experiência da vida cotidiana, assim como se observa a desvalorização do processo de construção do conhecimento por

meio da reflexão, da relação dialógica que, mesmo sem consciência, sabe-se que acontece, porque o homem é um ser que aprende pela suas relações com o outro, com o mundo que o cerca e com os conhecimentos que adquire e questiona ao longo de sua história. Ainda se percebe que Foot retrata, de forma crítica, o fato de os poucos interessados pelo conhecimento serem caricaturados e retratados como estereótipos sociais e por isso, muitas vezes, serem excluídos, porque não se interessam por superficialidades. Vejam-se:

A desvalorização do processo de reflexão;



A discussão filosófica que não agrada;



O estudioso que é caricaturado como modelo de *nerd*;



O livro que é muito valorizado, mas não pela informação que ele veicula;



A vestibulanda que, por ser aprovada no vestibular, é excluída do grupo.



Para finalizar este ensaio, reforço a minha explicação de que não desejo ser uma insurrecta em relação aos meios tecnológicos e informatizados, os quais, quase sempre, contribuem, no contexto atual, para composição do mundo individual e coletivo do sujeito; e subsidiam, se usados de forma inteligente, a difusão do conhecimento. Contudo vale lembrar Vieira (2007) quando afirma que

estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Os elementos simbólicos são sempre um amplo

espectro de ações, falas, imagens e textos que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros constructos significativos. (VIEIRA, 2007, p. 49)

Cabe repensar o que os meios tecnológicos constroem para e no sujeito, por serem mais atraentes e repercutirem mais rapidamente as informações, tornando-as, muitas vezes, impactantes, sem preocupação com a veracidade dos fatos, do conhecimento. Ao se valerem das imagens coloridas e dos sons para compor suas idéias, podem levar o sujeito à acriticidade, sem senso de percepção próprio, estimulado apenas pela curiosidade, sem criatividade; esta fica restrita a uns poucos que se valem dela para sobrepor suas ideologias às massas.

Assim, penso que o livro é a forma mais inteligente de assegurar a construção do conhecimento e sua divulgação; de estimular o processo criativo, individual, subjetivo, diferente. Não quero, com esse discurso, desmerecer os prodígios da era tecnológica, mas é bom ressaltar que ela não deve marcar a morte do livro, os vários suportes podem conviver, sem que um precise anular os outros. Vejo no discurso de Foot, que usa com inteligência o recurso da tecnologia, uma crítica a esse comportamento subordinado do leitor e subordinante das instituições que desejam estabelecer uniformemente o sentido dos textos, para determinar relações de dominação.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikail Mikhailovitch. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Anna Blume, 2002.
- CHARAUDEU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUEDES, Paulo Coimbra. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola, 2006.
- VIEIRA, Josênia Antunes [et al]. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.